

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula nº 215
10 de agosto de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

~~Vocês d~~Desculpem o atraso. Em razão da tempestade ~~que está~~ aqui na região, a ~~nossa~~ transmissão está realmente muito ruim e pode cair a qualquer momento. Se isso acontecer, ~~vocês~~ desculpem novamente.

Nós vamos continuar aqui com o texto do Jean Brun. Mas, antes eu vou ler ~~aqui para vocês~~ um artigo, que acabei de mandar para o **Diário do Comércio**, ~~pois que de algum modo tem a ver~~ está de algum modo relacionado com o nosso assunto de hoje: ~~que é justamente~~ a transformação da noção de verdade a partir de Nietzsche. O artigo chama-se “Mais inépcia acadêmica” ⁽¹⁾.

No debate da TV Cultura com o intelectual católico Sidney Silveira, talento superior que merecia adversários bem melhores, um sr. Ricardo Figueiredo de Castro, professor de História Contemporânea na UFRJ, deu um show de ignorância à altura do que é de se esperar da classe universitária hoje em dia, enquanto seu colega Paulo Domenech Oneto, professor de Filosofia Política na mesma instituição, preferiu caprichar na baixeza e na mendacidade, como seria mais próprio de um ministro de Estado.

O primeiro, com aquele olhar de tranqüilidade soberana que dá a qualquer um os ares de uma tremenda autoridade científica, assegurou que “os conservadores de hoje em dia, como os do século XIX, tendem a pensar o processo histórico desde uma perspectiva rígida, formalista, que não aceita a mudança”.

Sei o quanto é injusto, cruel e desumano exigir que um professor universitário de hoje em dia conheça alguma coisa, mas, se esse professor de história conhece esse ao menos a história da sua própria disciplina, saberia que o senso do tempo, da história e da mutabilidade foi introduzido no pensamento europeu por historiadores intelectuais conservadores, em reação contra a idéia dos revolucionários de 1789 que, inspirados pela física newtoniana, acreditavam numa sociedade moldada segundo os cânones universais e imutáveis da razão Razão.

Os nomes de Georg W. F. Hegel, Edmund Burke, François-René de Chateaubriand, Leopold von Ranke, e, mais tarde, os de Jacob Burckhardt e

¹ O artigo foi publicado sob o título “Professores”:
<<http://www.olavodecarvalho.org/semana/130819dc.html>>.

(1) O artigo foi publicado sob o título “Professores...” [<http://www.olavodecarvalho.org/semana/130819dc.html>]

Hippolyte Taine, deveriam bastar – para quem os leu, é claro, o que não é absolutamente o caso – para eliminar qualquer dúvida a respeito.

Já entre os revolucionários, nem mesmo em Karl Marx aparece claramente o senso da “mudança como algo inerente ao processo histórico”, para usar os termos do prof. Figueiredo, já que a visão marxista da história é a de um processo predeterminado por leis tão imutáveis quanto as de Newton, caminhando de fatalidade em fatalidade até desembocar inexoravelmente no socialismo.

A elevação da “mudança” às alturas do mito abrangente e força universal soberana não aparece no pensamento ocidental moderno antes de Nietzsche – aliás, um discípulo de Jacob Burckhardt –, embora tenha tido alguns precursores na fileira do anarquismo e também em alguns obscuros representantes da intelectualidade revolucionária russa pré-marxista.

Essas discussões da intelectualidade russa não se tornaram conhecidas na Europa Ocidental antes do sucesso de Dostoiévski, na França. Esse sucesso só aconteceu, na verdade, sómente já no século XX, graças a um pequeno livro de André Gide sobre Dostoiévski, ~~porque a~~ Antes circulavam umas traduções muito ruins, que alimentavam toda sorte de confusões e ~~que~~ provocaram então reações muito negativas, ~~ninguém gostava do Dostoiévski. Mas,~~ quando, ~~por volta de 1920, foram publicados veio~~ o livro do André Gide e traduções melhores, ~~eu creio que por volta de 1920,~~ o pessoal começou a ler Dostoiévski, e ~~ali~~ a tomar consciência das discussões que havia na intelectualidade russa. São ~~Tem~~ páginas e páginas de Dostoiévski, em que são uns camaradas se enchendo de vodca e discutindo noite adentro as idéias mais estrambóticas de um movimento socialista pré-marxista. E naquela época já havia já esse senso da mudança enquanto tal, ao ponto de ~~que~~ o movimento revolucionário ~~serera~~ designado com a simples expressão “o movimento”, de maneira que havia uma espécie de idealização do movimento e da mutabilidade enquanto tal. Mas isso foi na Rússia. No Ocidente, isso só pega realmente a partir de Nietzsche, como nós vamos ver.

É ~~u~~ Uma coincidência feliz ou infeliz ~~de que~~ o sujeito mencionasse isso, justamente quando estamos estudando ~~esse o~~ mesmo assunto.

Confiante na sua ~~devota~~ ignorância histórica, o referido sentenciou ainda que os conservadores “tendem a exagerar o papel dos políticos de esquerda na condução do processo ~~de~~ transformação, como se ~~esse este~~ fosse gerido por pequenos grupos de intelectuais, e não ~~como~~ algo que faz parte da dinâmica da sociedade”.

Ele deveria ~~ter~~ ensinado isso a ~~Lenin~~ Lénin, que zombava de todo “~~espontaneismo~~ espontaneísmo”, como ele o chamava, e enfatizava mais que ninguém o papel da vanguarda revolucionária. Poderia também ter dado lições a Georg Lukács, para o qual a consciência de classe do proletariado não era sequer uma realidade presente, mas uma possibilidade abstrata a ser concretizada pela ação da elite. (...)

Ele falava em “consciência possível”. Antes se acreditava em consciência de classe como um fenômeno histórico real, uma coisa presente. E ~~o~~ Lukács disse que ~~não, que~~ o proletariado tem apenas a possibilidade de ter uma consciência de classe, e esta possibilidade tem de ser ativada pela atuação da elite.

(...) Poderia também passar uns pitos em Antonio Gramsci, para o qual a força criadora da revolução está acima de tudo na elite intelectual. Ou então poderia escrever uma tese de que ~~Lenin~~Lênin, Lukács e Gramsci foram conservadores.

Para vocês terem idéia de como as pessoas estão longe do próprio assunto que ~~elas~~ lecionam: ~~elas~~ não têm a menor idéia ~~disto~~disso. A bibliografia marxista sobre o papel da elite é ~~um negócio~~ imensa. ~~Eu~~, ~~e~~ eu poderia até ~~aqui~~ citar aqui todo o fenômeno da evolução do pensamento marxista, desde a idéia inicial de ideologia de classe proposta por Marx até o estado atual, ~~em que~~ ~~onde~~ ~~o~~ Ernesto Laclau diz que a propaganda revolucionária cria a classe que ~~ela~~ depois ela diz representar. ~~Quer dizer~~Ou seja, chegamos aí no elitismo completo: a função da elite é tudo, ~~e~~ a classe que a elite representa é uma invenção, ~~uma criação~~ dela mesma. E vem esse cara dizer que são os conservadores que pensam assim? Como? Então, evidentemente ele está falando de um marxismo que ~~ele~~ desconhece por completo.

É claro que na sociedade há processos de transformação espontâneos mesclados à ação planejada de grupos políticos. Já expliquei que a descrição meticulosa desses dois fatores, bem como a análise das suas múltiplas relações e interfusões, é a chave de toda a narrativa histórica decente.

Vocês devem se lembrar da regra do Georg Jellinek (~~que~~ já citei ~~aqui~~ várias vezes), ~~de que~~ tudo na história e nas ciências sociais ~~e na história das ciências sociais~~ depende de ~~você~~ conseguir distinguir os processos que resultam de um plano, de uma ação premeditada, e ~~aqueles os~~ que se formam pela confluência espontânea e impremeditada de vários fatores. ~~Sendo que~~, ~~E~~ em parte, os primeiros fatores (os fatores planejados) se diluem na multidão das correntes que se fundem anarquicamente na sociedade, e, por sua vez, ~~esses os~~ processos espontâneos também são absorvidos dentro dos planos que se remanejam para levar em conta o curso impremeditado das coisas.

O exemplo mais clássico disso seria o plano ~~de~~ Stalin de usar o nazismo como ~~conforme~~ ~~ele~~ chamava, ~~o~~ ~~“navio quebra-gelo”~~ da revolução, ~~ou seja~~, alimentar a formação do exército alemão. ~~então que era proibida~~ ~~a Alemanha~~, ~~pelo~~ Tratado de Versailles, a Alemanha estava proibida de ter um exército, ~~m~~, ~~M~~ Mas a Rússia cedia o seu território e dava ajuda técnica, dinheiro e armas para formar um exército alemão ~~no exterior~~, no território russo, ~~preparando~~ a Alemanha para ~~que atacasse~~ as potências ocidentais, com a idéia de que, como o nazismo era uma revolução sem suporte teórico, ~~era um negócio~~ algo irracional, ~~ele achava que~~ os alemães eram os loucos, que ~~iam ganhariam e~~ ~~mas não iam levariam~~, ~~então~~ ~~então a Rússia iria~~, atrás dos alemães, ~~vamos nós~~ e tomaria ~~m~~ mos tudo. Esse era o plano, e ~~ele o plano~~ foi posto em execução.

Stalin ~~O que ele fazia?~~ A alimentava o nazismo de um lado e, ~~por outro lado~~, nos demais países, como ~~a~~ Inglaterra e ~~a~~ França, fazia uma brutal campanha antinazista. Isso é característico da estratégia comunista: agir por dois lados opostos ao mesmo tempo, mais ou menos na base da tese-antítese para produzir uma síntese. O próprio Stalin já estava pronto para invadir a Alemanha: ~~A~~ assim que ela atacasse as potências ocidentais, ele ~~a ia~~ atacaria pelas costas, ~~o~~ O exército russo inteiro já estava ~~tudo~~ na fronteira, preparado para isto isso. ~~Mas~~ ~~E de repente~~ ~~o~~ Hitler [0:10] fica sabendo, ~~e então disse~~, ~~o~~

~~plano vaza e Hitler invade a Rússia. O plano tinha vazado.~~ A Rússia imediatamente muda toda a sua política no Ocidente, criando a estratégia do *front popular* - ~~então, onde~~ não se falava mais em revolução comunista, ~~só-se falava apenas~~ em democracia, e paz, etc. e etc.; -, angaria o apoio ocidental, derrota a Alemanha e toma metade da Europa, como ~~tinha sido~~ planejado no começo. Houve evidentemente um imprevisto, mas ~~o imprevisto que~~ foi reabsorvido, e, ~~como diz~~, Stalin deu a volta por cima.

~~Isto-Isso~~ acontece inevitavelmente em todo e qualquer plano porque ninguém é capaz de levar em conta todos os fatores ao mesmo tempo, sempre acontece alguma coisa que não estava no programa, e ~~você tem de~~ preciso modificar o seu plano. Isso faz parte da natureza do plano. O economista Pierre Mercier, ~~o economista~~, chamava o plano de “o antiacaso”: existe uma força ~~do acaso, uma força~~ anárquica do acaso, e existe a razão humana que tenta rearticular os elementos irracionais e reordená-los dentro de uma racionalidade.

Isto é o mínimo que temos de saber a respeito das estas coisas. E ~~isso não tem~~ há uma fórmula que ~~você se~~ possa [saber] de antemão. O que predomina na história: são leis anônimas e impessoais ou é a ação deliberada dos indivíduos? Não há resposta teórica para isso. Você precisa estudar ~~os fatos~~ coisa como ~~foram~~, caso por caso. Por exemplo, você vê que a central de planejamento mais organizada, mais unitária e mais poderosa do mundo, ~~que é essa a da~~ elite globalista, já errou no cálculo muitas vezes, ~~devido ao~~ surgimento de movimentos nacionalistas aqui e ali. A idéia do governo mundial era ~~que estivesse para estar~~ implantada desde 1980, e ~~até agora, de certo modo,~~ não está ~~até agora de certo modo~~. Todo plano pode ser muito difícil, e há uma luta permanente contra o acaso. ~~Você só tem de~~ É necessário estudar isso aí caso por caso: distinguir em cada circunstância quais foram os elementos que foram entrando em jogo. Porque, é claro, se você tem um plano, o outro lado também tem, ~~um plano~~. É a história do Mané Garrincha: Você já contou isso para o outro time? O técnico explica a estratégia, ~~mas e você já explicou isso para o outro time? O~~ outro time também tem a sua, ~~estratégia~~. E ~~esta~~ essa luta constante entre o acaso e o plano - isto é o tecido mesmo da história.

[queda de transmissão, cancelamento da aula]

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: Carla Farinazzi e Jussara Reis de Abreu

Revisão Final: Elisabete Franczak Branco